



O Gaiato

Quinzenário * 7 de Maio de 1988 * Ano XLV — N.º 1152 — Preço 10\$00



PORTE PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

UM QUADRO FRUSTRANTE

Pelo que conhecemos — e algo temos testemunhado — do funcionamento dos Tribunais de Menores, trata-se de um pelouro cruel para os que o têm, dada a indigência de meios que põe em cheque a eficácia na salvaguarda das crianças que ali chegam sob a carga de histórias de estremececer. Uma... cujo relatório tenho sob os meus olhos:

O B. Joaquim é filho de uma mulher de boíte que em rapariga fugiu de casa e se entregou a essa vida. Nasceu sem ser querido, como tantos. E com poucos dias de vida esteve em risco de desaparecer violentamente, se o não livrara uma companheira da mãe que lho arrancou das mãos e o entregou a uma ama com quem ainda está. Ele tem agora oito anos. A ama, setenta e dois, e sofreu há pouco uma trombose. Que futuro espera esta criança?

Denunciado o caso, há cerca de dois anos, o Tribunal conseguiu detectar a mãe; mas ela, convocada, nunca compareceu. Pelo telefone deu indicações da

identidade do pequeno e do pai que o perfilhara (disse ela). Mas veio a verificar-se que tudo era falso. Nem sequer ainda se conseguiu apurar se o pequeno está ou não registado.

Soube-se da família da mãe que é de razoável nível socio-económico: Tem mesmo um irmão licenciado. Mas estes, há muito de relações cortadas com ela, não assumem qualquer responsabilidade a respeito do garoto.

Eis um quadro verdadeiramente frustrante, do qual a saída mais fácil para quem tanto desejava poder arrumá-lo, seria a entrada do pequeno numa Instituição e esta que suprisse. (Por isso viemos ao conhecimento do caso.)

Mas será essa a resposta devida aos direitos do B. Joaquim, insatisfeitos e ofendidos desde que viu a luz?

Onde a legislação adequada que assegure a Justiça? Onde a autoridade suficientemente forte que a ponha em acto e procure remediar?

Cont. na 3.ª pág.

Tribuna de Coimbra

• Há muitos anos que passo naquela aldeia, mas não sabia que as carências eram tantas. Ontem, na rua; estava uma mulher que me fez paragem: — **Senhor prior venha ver a minha casinha e dê-me uma ajuda; ao menos um quatinho e uma casinha de banho.**

Fui levado pela mão dela. Com o seu vestir de luto andam muitos sofrimentos ao longo dos anos de vida. Com vontade de trabalhar, tem pedido sempre, por esmola, o pão para a boca dos seus. Criou um rancho de filhos e o marido nunca ajudou a criá-los. Ele já morreu, mas os filhos continuam a ser a grande aflicção daquela mãe.

A minguada casinha que vi, foi construída com esmolas. Não tem o mínimo de condições para habitação. É da maior pobreza que tenho visto: sem espaço, sem ar, sem luz, sem esperança.

Esta mulher-mãe pede pouco: **«Ao menos um quatinho e uma casinha de banho»**. Não lhe prometi nada. Disse que ia ver e depois diria. Há muitos Pobres nas mesmas condições, naquela aldeia. Ela quer dar a mão d'obra. Só pede os materiais.

Pede pouco. É humilde. A vida tem-lhe sido sempre uma humilhação. Na rua há luz eléctrica e aquela família continua às escuras.

• Ao lado vive uma prima.

Também viúva e muito doente. Todos os dias vai ao Centro de Saúde receber uma injeção. A coluna não a deixa passar com dores. Tinha quatro filhos e ficou com uma menina no ventre quando o marido faleceu.

Falou com muita mágoa, da sua impossibilidade de trabalhar. Custa-lhe muito ter que pedir. **«Ao menos uma salinha para receber alguém, um quatinho de banho. Só peço os materiais. Eu**

arranjo a mão d'obra.»

Falou com confiança. A humildade leva-nos a confiar. Saf daqueles santuários a pedir perdão pelos nossos pecados. Os nossos pecados de soberba e instalação. Os pecados que não nos deixam ver os Outros. Saf com vontade de dizer que sim. E espero lá voltar com uma palavra de Esperança. Espero ainda ver aquelas casas com luz. Partilho contigo estas vidas de dor.

Padre Horácio

SETÚBAL

«Aflito como ando, por encontrar tantas famílias a viver em pátios abarracados e velhos, em mansardas, em construções antigas e exíguas, sem vislumbrar qualquer saída para a sua situação, volto-me para o Padre Américo vivendo radicalmente o sofrimento dos Pobres.

A Casa é pertença natural do homem, como a concha do crustáceo e o ninho dos passarinhos. Sem ela sua, ou à mão, o homem sofre.»

Poderíamos acrescentar — com certezas adquiridas na experiência: sem ninhos não há passarinhos, sem conchas não há crustáceos e sem casas não há homens.

Há meses, uma mãe doente com seis filhos foi posta na rua pelo marido e acolhida em casa de seu irmão. Este habita com a esposa e dois filhos numa casa alugada de três divisões: dois quartos e uma sala-cozinha. A casa de banho é num reduzido pátio comendo-se simplesmente por uma bacia de retrete. Não havia banheiro, nem bidé nem esquentador.

Num quarto ficou a dormir o casal. No outro, os dois filhos adolescentes, mais seis primos e a tia, todos no chão.

Arranjámo-lhes beliches e ajudámo com material e louça a compor a casinha de banho. Não há espaço. Não há recato. Não há intimidade. Não há nada que construa a interioridade do homem além do amor daquele irmão que passando por cima de tudo e de si mesmo

acolheu os seus familiares escorraçados.

Em Sexta-feira Santa fui dar, pela mão de vicentinos, com outra família de cinco filhos, pai desempregado e doente, mãe diminuída e magríssima, num pardieiro, roto e pestilento. Nada tinham que comer além de uns pedaços de pão e umas peças de fruta que o filho mais velho angariara a pedir de porta em porta e exibia feliz num saco de plástico.

O pardieiro tinha uma cozinha com porta e área de uns cinco metros quadrados mais um quarto sem janelas. No quarto dormiam o avô paterno, proprietário do dito, com o filho mais velho. Na cozinha, no chão, o casal mais dois filhos e duas filhas. Não há luz. Não corre ar. Não há nada.

Há trevas!... É Sexta-feira Santa!

Todos os dias são, para aquela família e para tantas que estou a ver e não posso descrever, Sexta-feira de trevas.

O Padre Américo lançou no princípio da década de cinquenta uma luz nova, um canto de aleluia que se chamou Património dos Pobres.

Foi a resposta certa num tempo certo. Não a solução suficiente que muitos não a entenderam, não a acolheram nem a aceitaram em toda a sua dimensão comprometedora.

O Património dos Pobres com a génese de amor às famílias sem casa e sem capacidade

Cont. na 4.ª pág.



Tantas famílias a viver em pátios abarracados e velhos, em mansardas, em construções antigas e exíguas — sem vislumbrar qualquer saída para a sua situação...!

PELAS CASAS DO GALATO

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Estamos participando num torneio de futebol, na Pereira.

No dia 10, foi o nosso primeiro jogo. Ganhámos por 2-0 à equipa do Corvo.

Os nossos adversários deram boa réplica porque nós com uma maior concentração, podíamos dar uma goleada.

Este já está; que venha o próximo!

AGRICULTURA — As nossas sementeiras estão feitas.

Começamos pela batata e acabámos nos tomateiros.

Todos os anos, nas férias da Páscoa, com os estudantes disponíveis, aproveitamos para adiantar as nossas sementeiras. Deus queira que todas as sementeiras dêem bons frutos!

PECUÁRIA — Chegaram, há pouco tempo, a nossa Casa, três centenas de pintainhos.

Mais uma vez, agradecemos ao Aviário de Santa Cita, pela sua generosidade.

Desejo que este tempo não afecte os nossos pintainhos.

Carlos Manuel

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● No reino dos Pobres a doença arrasta miséria.

Temos alguns que se pagassem o receituário, a magra pensão tampouco chegaria para o mais — que não é pouco — da forma como a vida está.

— O meu home precisa destes rúmidios porque não aganta (leia-se aguenta). Precisa deles todos os meses...!

Isto quanto a pensionistas. Noutros estratos, há trabalhadores com baixas de longa duração cujos problemas são idênticos. A doença arrasta miséria!

Não se vislumbra melhoria no sector da Saúde. Por isso, ajudamos gente prostrada (consultas demoradas em algumas especialidades) que se vêem na contingência de sair do circuito, procurando diagnóstico fora do âmbito oficial!

PARTILHA — Assinante 11902, com a «mensalidade de Abril»: 4.000\$00. Assinante 9234, do Porto, resto de contas d'O GALATO e «nesta hora de grande tormenta de minha filha peço ao Pai Américo que interceda por ela junto de Jesus». O costume, de Vilares (Vila Franca das Neves), «para a Conferência do SS. Nome de Jesus».

Mais perseverança! É «uma portuense qualquer» com «a migalhinha relativa ao mês de Março. Um pouquinho mais — uma gota de amor — para ajuda dos folares distribuídos e tenho a certeza que não faltarão grandes «fatias» para o mesmo efeito. O Senhor nunca falha».

O assinante 28170, de Cabegudo,

manda um cheque de dez mil escudos, «pequena ajuda oferecida de todo o coração — com destino aos Pobres». Idem, de um antigo companheiro, para «o que achares mais conveniente».

«Uma assinante de Paço de Arcos» aí está, muito certinha, trazendo na mão «a partilha mensal com saudações fraternas». O assinante 16696, de Pinhal Novo, envia mil escudos «para os Pobres e não precisam de acusar recepção. Se alguma menção for feita, será n'O GALATO o meu número de assinante».

Agora, chega a assinante 31104, uma das principais banqueiras dos nossos Pobres que «atravessa época crucial e, pela força das circunstâncias, aumenta o sofrimento». Há dias, em contacto com um grande sofrimento, lembrámos o seu. No submundo da miséria há tantas almas grandes, tantas! E, mais os Pobres, levantámos os olhos ao Céu.

«Embora um pouco tarde — mas vale mais tarde do que nunca — aqui vai a minha modesta contribuição para os irmãos da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». É Matília, de Lisboa, que pede «uma oração pelas almas de meu marido e vós». Mais 500\$00 da assinante 19177.

«Avó de Sintra» não falha! Aqui temos o «cheque para a família do costume». Lembramos a sua cruz...

«Metade desta nota (mil escudos) é para ajudar qualquer necessidade mais premente, das muitas que aparecem na Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa» — afirmou a assinante 7769, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

A NOSSA VIDA. — Toca a sineta. São cinco e meia da tarde. Do escritório vejo todos a correr para a frente da cozinha. É a merenda: um naco de pão e maçãs.

Vou dar um passeio pela quinta. A terra que circunda o nosso olival foi aproveitada para a batata. Subo a rua do Pombal e admiro o cebolo, os repolhos, as couves e os alhos... O lanjanjal tem ainda algumas laranjas que enchem o ar de perfume, cobertas de tantas flores brancas!

Depois da merenda o campo da bola espera os predilectos do desporto. Alguns, para o desalfio; outros, fazem ginástica. Passo pela cozinha e o Carlos Manuel e a senhora preparam a refeição. Nas salas de leitura, das residências, alguns lêem. Antes, porém, temos o Terço. Momento para falarmos com a nossa Mãe do Céu. Toda a Comunidade se reúne para este hino de louvor e gratidão à Mãe Comum. No fim da oração, o jantar! Nunca tão depressa quanto o desejo do Joel (3 anos), do Daniel (2 anos), do Ricardo (4 anos), ou do... São tantos que se lhes perde a conta, a fazer a conta se haverá sobremesa, iogurtes, bolos ou outros mimos que as nossas leitoras nunca se cansam de repartir conosco!... O Sérgio é o chefe de mesa dos mais pequeninos e sabe as

voltas que há-de dar, colocando com jeito a sopa à frente da fruta e dos «mimos». Já sabe porquê. Assim os vai cativando, de tal modo que o preferem e só: «Queremos o Sérgio!» Batem palmas. O chefe convida a agradecer ao Senhor da Cruz o alimento. Os mais velhos vão até ao bar, os mais pequenos brincam junto às residências. Pelas nove horas os estudantes iniciam o período do estudo até às 22 e 30h ou mais, consoante o «apetite»... Para alguns foi bom este período, outros têm que lutar muito.

José Manuel dos Anjos Nunes

Conferência do Lar do Porto

Embora tenhamos os nossos empregos, a Obra da Rua sempre nos tem motivado para nos dedicarmos aos Outros.

Falou num caso que se passou na nossa mui nobre cidade: um casal com 7 filhos, mais o pai internado, mais um dos filhos anormal. O ordenado do pai não passa além dos 30.000\$00. Habitam uma casa de que não pagavam renda, a qual pertence à C. M. P. Pois foi-lhe exigida uma renda quando essa casa não tem telhas, não tem água, não tem esgotos. Quando lá entro, tenho de tapar o nariz. Digam-me se isto é justiça. Eu acho que não.

São estes nossos irmãos que ajudais. Nós apenas somos recoveiros deles. Não é só a esmola monetária, é a coragem que tentamos dar-lhes para que as suas vidas não sejam tão penosas.

Temos recebido muitas migalhas, mas precisamos de mais porque quanto mais recebermos, mais poderemos fazer.

Não há homens maus, só têm que ser abanados pela Palavra de Deus, que é Justiça, porque «o que fizeres ao mais pequeno, é a Mim que o fazes».

A Conferência de S. Francisco de Assis sonhou dar uma casinha a uma família muito necessitada. O sonho está a tornar-se realidade! Assim, um casal de Lisboa manda 30.000\$00 e diz: «Agradecemos a oportunidade de quebrar o nosso egoísmo e comodismo, auxiliando os que mais precisam»; 2.000\$00 de M. Leonor; Santo Tirso, 5.000\$00 de António Silva; de Moreira da Maia, 35.000\$00 de Benilde; Águeda, por alma de seus pais, 1.000\$00; uma assinante, do Porto, 1.000\$00; de M. Manuela, Setúbal; 1.500\$00 para três telhas, de três Marias, Tondela; 5.000\$00 de Maria Celeste, de V. Nova de Cerveira. Agradecemos os cobertores, lençóis e outras roupas que por cá vão dando. Se precisarmos, bateremos à porta. 20.000\$00 da assinante 30175. Minha senhora, muito obrigado pela sua cartinha que nos encheu de alegria. De Torres Vedras, 5.000\$00; mais 20.000\$00 da assinante 19999; uma senhora de Ordins enviou uma linda colcha com duas almofadas que serão vendidas pela melhor oferta.

Anónima, 3.000\$00; Maria Rosa, 1.000\$00; assinante 19177, 1.500\$00. O dia 26 que se repita por muitos

mais anos, são os nossos votos. Mais 1.000\$00 de J. R. D.; de Travanca, 1.000\$00; assinante 6410, 2.000\$00; Dr. Osório, 7.500\$00; Aurora Barros, 2.000\$00; Maria Fernanda, 1.000\$00; Maria Luisa, 5.000\$00; anónimo, 5.000\$00; Fernanda de Sousa, 1.000\$00; Maria Júlia, 1.500\$00; Maria Luisa, da Régua, 5.000\$00; assinante 7018, 1.500\$00; assinante 20745, 3.000\$00; de Cantanhede, 1.000\$00; de Lisboa, 25.000\$00; Maria Elvira, 420\$00.

Para todos, o nosso muito obrigado. Continuamos a pedir que sonhem conosco e para que o sonho seja mesmo realidade basta que cada um nos mande uma telha ou um punhado de cimento para a Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Madalena e Cristiano

Paço de Sousa

PRIMAVERA — Amigos leitores, eis um estímulo para visitarem a nossa Aldeia.

Nesta época ela parece um jardim, com tantas flores e pássaros; mas não sei por quanto tempo, pois já andam por aí os caçadores de ninhos...!

O «Neca» farta-se de embelezar a nossa Aldeia com jardins. Mesmo assim, ainda há quem não respeite o trabalho; e o mais importante: a Natureza.

É preciso respeitar o que é nosso!

FRUITICULTURA — As árvores de fruto estão, na sua maioria, em flor. Convirá, depois, um melhor tratamento para que o fruto seja muito e bom.

Se o fruto for tanto como a flor, já não estamos mal: preenche um espaço reservado às nossas refeições — a sobremesa.

Pires

Calvário

■ Sobre o apelo para a casa da família de Miragaia, doente e pobre, n'O GALATO de 26 de Março, deram já contas os nossos gaiatos vicentinos.

Dou, hoje, notícia do rescaldo da fogueira:

Ainda arde o lume e são formosas as achas que lançastes! Mais achas e mais fogueiras — até as chamas reflectirem a nossa verdadeira face: Aquela dos primeiros cristãos ao deporem aos pés dos apóstolos o produto dos seus bens para ser repartido pelos mais pobres.

Primavera florida!

E nós, cristãos, pelos campos de flores... não em peregrinações «santeiras», mas impelidos pelo amor — ao Senhor e ao Próximo — até aos caminhos da partilha.

DESPORTO — É um assunto que diz respeito a todos.

No passado sábado, dia 23 de Abril, houve eleições, no tocante à Direcção e ao corpo técnico.

Realça-se a urgência de fazer resurgir o moral da rapaziada para a necessidade de se conseguir a manutenção da dignidade e respeito que o nome GALATO merece.

Em poucas palavras, eis o incentivo com que tomou posse o novo elenco directivo.

Com a demissão da anterior Direcção prova-se que o desporto, oá em Casa, está em crise.

Além de poucos atletas interessados, não temos, agora, dinamizadores capazes de levantar o desporto à altura e dignidade que merece!

VISITAS — Bastantes pessoas nos visitam, nesta altura, mas cabem muitas mais.

Venham visitar-nos que não perdem nada e, além do mais, a malta gosta de receber os Amigos.

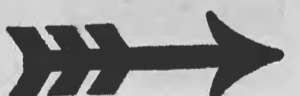
CONVÍVIO — Realizou-se um convívio nos dias 16 e 17 de Abril, no Seminário da Boa Nova, em Valadares. Participaram alguns dos nossos rapazes.

A temática continuou a ser a Páscoa como princípio de todos os dias, esclarecendo-se os jovens sobre a Doutrina da Igreja.

Por isso, realçou-se a necessidade da existência de Grupos de Jovens, no maior número possível de Paróquias, para se fundamentar a Palavra de Deus na acção, como fonte exemplar de um projecto de vida a concretizar numa sociedade materialista que se esquece de fomentar os valores em que foi criada.

Esperemos que se consigam resultados benéficos para se poderem diminuir os caminhos tortuosos da vida.

Pires



AQUI LISBOA!

«Nós não podemos salvar todos. Até nem podemos fazê-lo a nenhum, se ele não puser a sua vontade à frente de tudo.» (Pai Américo)

Como todos sabem está em curso a distribuição do livro «Correspondência dos Leitores», onde Pai Américo, aproveitando algumas das milhares de mensagens recebidas, nos serve, com comentários suculentos e apropriados, um manjar de primeira qualidade, revelador da sua visão dos homens e das coisas, definindo princípios, recebendo e aceitando sugestões, esclarecendo dúvidas e refutando aquilo que, no seu entender, estava menos bem ou errado. Em suma, respeitando a diferença, Pai Américo afirma-se como homem de diálogo, neste caso escrito, como poucas pessoas serão capazes, em humildade caridosa.

Todos os Padres da Obra, e não só, naturalmente com mais incidência na Casa de Paço de Sousa, recebem assiduamente correspondência variada, reveladora de que O GALATO é lido, mas também apreciado e discutido. Certamente há quem discorde disto ou daquilo, mas o grosso dos leitores vem com sugestões ou palavras de aprovação e incitamento, que nos

Avenida, onde as pombas debicavam e pensei falar ao teu coração. Em boa hora — pois as ofertas de todos somam já, mil contos.

Assim, tornámos mais bela esta Primavera e plantámos a esperança no coração desta família.

■ São constantes os pedidos para acolhimento de deficientes profundos!

Há dias, um casal angustiado e aflito... Os dois trabalham por necessidade. O hospital vai entregar-lhes o familiar doente. Além de trabalharem, não têm condições.

Outro casal, já com filhos, aterrado com uns tios, casal de velhos que deixaram de se bastar a si mesmos.

Uma mãe, de Águeda, cancerosa, com um filho já adulto e deficiente profundo, totalmente perdida porque, já perto da morte, não tem a quem entregar o filho.

Seria uma longa lista...! Antigamente, sem a sementeira de Lares para velhos e com menos casas para doentes, não havia tantos problemas. Os familiares, com menos recursos, tinham mais espaço nas casas e nos corações.

Demos lugar à geleira, à arca de congelar, ao mobiliário, ao «santuário» da televisão e ao automóvel. Tudo isto é óptimo. No entanto, em muitos casos, o velhinho e o doente não cabem mais.

Ficou mais pequenino o nosso coração... Tudo porque nos perdemos dos espaços de Deus.

Padre Telmo

responsabilizam e comprometem. «Não desistam e que Deus vos recompense. Grato pela vossa dedicação.» Eis, a talho de foice, as únicas expressões de uma missiva anónima recebida há pouco.

Os nossos Amigos sobre tudo se pronunciam e tudo querem saber. Referem coisas e pessoas com conhecimento de causa, mesmo que nunca tenham visitado uma Casa do Galato. Os contemporâneos de Pai Américo falam dele com saudade e respeito, perguntam pelos Rapazes do seu tempo e citando factos recentes ou remotos. As alegrias e as tristezas, os anseios e os projectos, os êxitos e os fracassos, tudo é compartilhado. A Obra da Rua é, de facto, uma grande família.

Vem tudo isto a propósito duma carta recebida do Algarve, duma senhora Professora à moda antiga, que tivemos a dita de conhecer e que muito se interessava pela vida dos

seus alunos, quando em exercício, e que continua ligada aos sucessos ou insucessos dos que lhe passaram pelas mãos. Depois de nos exprimir votos de feliz Páscoa, bem assim em relação aos que conosco trabalham e aos actuais Rapazes, acrescenta: «Que Deus cubra a todos com a Sua bênção e que nenhum deles se perca pelo caminho, à semelhança de F., que nunca soube aproveitar a grande oportunidade que teve, e hoje é um passador de droga à conta de um estrangeiro, depois de já ter passado um ano na cadeia. Porquê isto aconteceu? Porquê? Só Deus o saberá explicar...».

O facto assim referido já era do nosso conhecimento. Recordamos perfeitamente, apesar de 20 ou mais anos passados, as condições e as circunstâncias que rodearam a vinda para esta Casa do referido Rapaz, que fomos buscar pessoalmente ao sul do País. Mais tarde fugiu e depois, de degrau em degrau,

UM QUADRO FRUSTRANTE

Cont. da 1.ª pág.

Eu julgo que toda a legislação para os Menores devia ser reformulada desde a base com o objectivo único (a ideia fixa!) de os defender de agressões destas e de os compensar, quanto possível, da carência dos valores que a família lhes não prestou, porque inexistente como instituição, ou mal-são o seu estado.

A legislação que temos mais parece um conjunto de normas reguladoras do poder de senhorio dos adultos sobre as crianças. Em situações em que a família não é capaz para o diálogo, é contemplada como se o fosse. Em outras situações em que o seria, aceita-se a sua recusa de dialogar e a demissão perante deveres que enraizam no sangue. É o caso do B. Joaquim que tem avós e tios com capacidade socio-económica, mas indispostos a ultrapassar o desgosto pelos desvarios da filha e irmã (em que poderão, porventura, ter alguma culpa) cuidando do neto e sobrinho que é apenas vítima inocente.

No relatório a que me reporto, lê-se: «A P. S. P. também poderia procurar a mãe e recolher elementos mais precisos relativamente ao filho». Se se tratasse de um outro tipo de crime em que estivessem em jogo interesses económicos, penso que as autoridades policiais iam mesmo em busca do possível criminoso e traziam-no a tribunal. Aqui, porque se não trata de valores materiais nem o processo os produzirá, «a P. S. P. poderia procurar», sim, mas não procura e ninguém

impõe que procure, antes se aceita a fatalidade de um processo iniciado há dois anos e que ainda não chegou a nada de concreto, nem sequer se pode afirmar se o menor está registado ou não.

Entretanto ele existe — essa uma realidade que não carece de mais investigação. Vive acumulando traumas, na precária dependência de uma ama que, segundo se lê no relatório, tem sido amiga dele (Deus a compense!) mas, pela idade e doença, não oferece qualquer garantia de estabilidade ao presente e ao futuro do B. Joaquim.

Este panorama ajuda-nos a compreender como os magistrados não suportam muito tempo o clima cruel dos Tribunais de Menores e se vão sucedendo num ritmo que decerto não será o mais conveniente.

Talvez por ser este o sector da Instituição Judicial o que trata dos mais fracos, seja o mais silencioso, o menos reclamante, o menos defendido nas altas instâncias do Poder que vivem longe dos factos concretos, dos dramas incarnados.

Quem dera estas linhas, tão mal alinhavadas quão sofridas, chamem a atenção dessas instâncias para a pouca eficácia remediante dos seus órgãos executivos — o que, junto à libertinagem consentida e impune, nos promete, com certeza, números altos e diversos de marginalidade e projecta numa vida desgraçada tantos que nasceram para serem felizes e poderiam sê-lo.

Padre Carlos

foi trilhando caminhos de desventura.

Nós «somos a seara imensa do trigo e do joio», escreveu Pai Américo. E, como acima se transcreve: «Não podemos salvar todos. Até nem podemos fazê-lo a nenhum, se ele não puser a sua vontade à frente de tudo». Em casos destes só nos resta «chorar os nossos pecados». Eis — concluiria Pai Américo.

FESTAS

— Dia 8, às 10,45 h, Cinema Império, LISBOA. Bilhetes à

Padre Luiz

Notas da Quinzena

Que força teve aquele encontro que me leva a falar dele? Foi tão simples. Tão familiar. Nem podia ser doutra forma já que se trata de filhos da Casa. Andam nos 14, 15, 16 anos. Estão a «dobrar» o Cabo das Tormentas. Batidos por todos os lados, por dentro e por fora, precisam de apoio.

Costumo estar com eles, ao fim da tarde, duas vezes por semana, sempre que outros afazeres urgentes não se intrometem. São momentos saborosos. Tenho pena que os pais não os aproveitem com seus filhos. Fonte de riqueza para uns e outros. Mais família. Mais equilíbrio.

Naquela semana, naquele dia e hora, éramos sete. Tema de conversa: a vocação. O Manel andava por lá... O «Cuco», também... O «Bombeiro», o Miguel, o Bruno, o «Pinguim», o «Gordinho», mais eu. Pai Américo esteve presente. Encontrou o seu caminho e tornou possível este encontro. A vocação é o caminho de cada um. Descubri-lo, como? Onde? No segredo do coração porque é um segredo de amor confiado ao homem ou à mulher por Aquele que é Amor — Deus.

«Vou deitar-me com as minhas dores e as dores destas crianças. E tu?» Pouco antes chegou uma carta a dizer isto. «Como sempre, estas palavras interpelaram-me. Como sempre, fico a pensar o que poderei fazer. Talvez, como aquelas pessoas, de que nos fala o Evangelho, que foram chamadas pe-

venda: Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, tel. 361406; Lar do Galato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8, r/c-Dto, tel. 666333; Maison Louvre, Rossio, 106, tel. 32619; Montepio Geral, R. do Carmo, 62-2.º, tel. 372162; Ouriversaria 13, Rua da Palma, 13, tel. 861939.

— Dia 21, Salão dos Bombeiros Voluntários de LOURES.

— Dia 22, às 15,30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

lo Senhor e responderam: — Não posso ir porque comprei um campo e tenho de ir vê-lo. Não posso ir porque... porque...

Olho em volta. Vejo os pedidos que nos chegam de todos os lados. Toco na inquietação daqui e de além... «Pedi ao Senhor da Messe que mande operários...»

Bom Pastor. Pai. Mãe. O que reúne as ovelhas dispersas. Perdidas. Não é mercenário. Não se aproveita do seu posto. Ama as ovelhas. Jesus é o único Pastor. É a porta do redil. Não há outra porta de salvação para entrar na Casa do Pai. Vocação. Caminho.

Pai Américo descobriu. Hesitou? Tempo de provação que não de desengano. Decidiu e caminhou. Entregou-se. Como tantos e tantas! Chegam...? — «Orai ao Senhor da Messe...»

Jesus explicou-nos as relações que há entre Ele e Suas ovelhas. Chama-as pelo seu nome. Conhece-as uma a uma e é conhecido por todas. Leva-as a pastos suculentos. Tudo isto nos fala duma intimidade, duma participação de vida, de uma entrega mútua e profunda.

O Pastor não vê nas ovelhas o seu negócio e fonte de prosperidade: ama-as. Está disposto a dar a vida por elas para que tenham Vida em abundância.

— «Orai ao Senhor da Messe.»

Padre Manuel António

Do que nós necessitamos

São pedaços de vida que fazem esta coluna. Doutra modo não teria valor. «Sei o que é sofrer na alma e no corpo, a falta de um lar, a falta de pão. Vivi numa boa casa de 7 assoalhadas, 2 casas de banho, 3 despensas, cozinha grande, marquise, garagem; de repente o

marido abandonou o lar... Desculpe, como não posso mandar os mil, vai um cheque de 500\$00... Mandarei o que puder da minha pobreza.» É uma carta grande. Guardo no coração a força desta mulher e mãe, sem

Cont. na 4.ª pág.

Livro «Correspondência dos Leitores»

Abre a coluna um professor de Português. Estamos a ouvi-lo da nossa carteira (na Escola Mouzinho da Silveira, à rua das Taipas), quarenta anos depois. Um qualificado pedagogo ensinando, com amor, a Língua de Camões (após o bendito martírio da Instrução Primária, naquele tempo, em morfologia e sintaxe...).

Ouçamos:

«Recebi oportunamente o folhar da Páscoa, isto é, o livro «Correspondência dos Leitores». Tenho-o lido aos poucos, de quando em vez, ia dizer às gotas, porque é um licor muito forte, que faz às vezes vir as lágrimas aos olhos.

Julgo que a correspondência dos Leitores foi sempre um dos maiores centros de interesse d'O GAIATO, fazendo parte do corpo de doutrina, simultaneamente pão para o corpo e amor para a alma. Padre Américo dava directamente só amor; o pão recebia-o dos Leitores que também sabiam muitas vezes dar amor. Oh, como sabiam! Das dádivas fazia Pai Américo o mel da Obra da Rua. Ele era uma abelha de Deus. E o mais belo é que, na outra Vida, Padre Américo continua a dialogar. Basta ouvi-lo quando se lê e, sobretudo, quando se levantam os olhos da leitura para escutá-lo.

Creio na Comunicação dos Santos.

Mas basta de palavras, desta vez mais do que as habituais. Um abraço do velho professor e amigo... — Assinante 21042.

Vila Nova de Gaia:

«Agradeço imenso terem-me enviado o livro «Correspondência dos Leitores». Apesar de ainda o não ter lido na totalidade, como é bom sentirmos a

presença viva de Pai Américo, no meio dos nossos afazeres que tão demasiadamente nos prendem e nos fazem, tantas vezes, descurar o que é, realmente, mais importante.

Foi óptimo terem conseguido que o livro saísse na Páscoa. É uma chamada de atenção, um alerta...» — Assinante 41219.

Porto:

«Quando anunciaram o novo livro falei com os meus botões: — Do que se haviam de lembrar! Que interessa o que os outros dizem? Era bem melhor repetir os esgotados.

Chegou a Páscoa. A família levou-me e, à pressa, não tendo outro à mão, aconteceu agarrar o «Correspondência dos Leitores».

Quando vi que Pai Américo, no final de cada missiva, abria a sua alma, oh maravilha! Leio devagarinho para melhor «escutar» as suas palavras (parece que estou a ouvi-lo!), fazendo delas a minha oração da noite.»

Assinante 29347:

«Incluíam-me sempre na lista dos contemplados, pois é com muita alegria que recebo os livros do Padre Américo, sempre tão actual. Ao lê-los, é como um sopro de bondade que nos invade.

Ando a saborear o «Correspondência dos Leitores», todas as manhãs, a caminho do emprego. Quando for possível, gostaria que me enviassem o livro «Viagens».

Para a torrente de novos Leitores, que desconhecem as obras da nossa Editorial, aí vai a lista de todas elas: Pão dos Pobres (quatro volumes); Obra da Rua; Isto é a Casa do Galato (dois volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (três volumes); Cantinho dos

mais comentários. Pobreza envergonhada? Como somos dignos destes segredos? Entendemos o gosto daquele sacerdote que vem com 600 contos «que farás o favor de aplicar pelas necessidades maiores». Quer ficar sem nada. Acredita no Sacerdócio. É um louco! Loucura do Amor. A certeza de que nada lhe faltará no momento oportuno, vai buscá-la ao Evangelho. Pedacos de vida! Mais outro. Senhora e empregada, cada uma com o seu quinhão. Da R. António Patrício, foliar para a «Obra do Gaiato».

Mais uma confidência e 15.000\$00. Ouvinte de Pai Américo vem com 20.000\$00. Velha Leitora d'O GALATO quer dar a sua vida, mas «hoje vai o cheque de dez mil».

O mundo pode ser diferente. Depende de cada um de nós. Onde está o fermento? Não podes dar tudo? «Dou o que posso — 100.000\$00.» São 70 anos a falar. Muitos beijinhos transformados em amêndoas para «os nossos queridos bata-tinhas» e 50 mil. Metade, da assinante 11305. Anónimo, 10.000\$00. O mesmo, de Maria

Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui... E mais o Correspondência dos Leitores. Títulos com a marca de Pai Américo.

Doutros autores: Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; A Porta Aberta, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz; e o Calvário, do nosso Padre Baptista, esgotado.

Júlio Mendes

Cont. da 3.ª pág.

Do que nós necessitamos

da Conceição. Mensagem de comunhão escondida na sua dádiva: «Queremos simbolicamente celebrar convosco esta Páscoa. Vamos procurar estar em espírito com as intenções que vos animam e sabemos que também nos têm presentes». Cem mil, da assinante 44298, e «peçam pela paz e união da minha família». Pequena oferta de um grupo da Secção de Montagem de material eléctrico de baixa tensão da Empresa Electro-Cerâmica, do Candal — 2.230\$00.

Não é fácil o desprendimento. Mas, «adiar para quê? Não sei quando ela (a morte) me vai bater à porta...» As boas obras são a única riqueza que vai conosco. Mais este testemunho: «A Obra iniciada por Pai Américo e continuada por vós foi um dos primeiros meios de que Deus Pai se serviu para me «agarrar» e fazer compreender o imenso Amor que Ele sente por nós...»

O Eng. A. M. entrega 500.000\$00 com muita simplicidade. Esposa lembra-nos seu marido doente e aguarda emprego para sua filha. Um cheque de 30.000\$00 para «o que mais necessitarem». Presença de um

estudante de engenharia que quer ser muito mais.

«Amar a Deus nos irmãos necessitados é qualquer coisa diferente do comum, confessa Maria Helena que acaba de ser avó e manda 5.000\$00. Da Fernanda, 1.100\$00. Outra Fernanda diz que com um cheque podemos ajudar a resolver um problema, aliviar uma aflicção, mas não damos satisfação à alma!... Muito mais que o dinheiro vê a necessidade de dar a vida e «que Deus me perdoe o não sentir essa alegria por excesso de preocupação com os problemas da vida». Confie. Tentaremos uma comunhão consigo. Esta inquietação é saudável. Recebemos 20.000\$00.

Pelas mãos dos párocos de Perafita, S. João Baptista, Cinfães, Sande e S. Lourenço do Douro, Silvalde, Tropeço, Abragão, Duas Igrejas e outros, vem a dedicação de suas comunidades. De Castelo Branco, 30.000\$00 «em cumprimento da vontade manifestada pela nossa mãe». Dar a mão aos que precisam é segredo que só os pobres de coração entendem.

Padre Manuel António

Lar de S. Domingos em Lamego

Hoje as nossas atenções recaem, novamente, sobre aquela família destruída pela doença nervosa da mãe.

Conosco está o António e o Ricardo. Um pouco mais distante, a mãe e uma filha de 10 anos.

Dentro deste estado de coisas que não podemos solucionar melhor, afirmamos que tudo vai correndo normalmente.

Tem havido alguns encontros entre os miudinhos e a mãe. Parece que, assim, vamos mantendo mais estreitamente os laços familiares e, como nós, vários colaboradores que, ao mandar donativos, falam nessa finalidade.

Repetem-se, sempre, cenas de muita ternura, particularmente entre o Ricardo (cerca de 2 anos) e a mãe. No Lar de S. Domingos o Ricardo é acarinhado e anda ao colo duns e doutros.

Não se faz «rogado» e, com facilidade, desde que o convidem, passa deste para aquele. Na última visita instalou-se no colo da mãe, sentada, e dali não safou até à despedida. A quem o chamava, como de costume, olhava com sorriso e dizia: — Não!

Agora, surge nova oportunidade de se encontrarem — a Páscoa. Desta vez, um familiar da mãe quis juntá-los todos na própria casa. As pessoas, coisas e lugares que deixaram, invocam uma grande alegria... Há óbulos que não são dinheiro nem roupas nem pão. Talvez que nas primeiras horas nem se lembrassem de comer; tão somente perguntar e responder, sorrir e receber e dar abraços...

Isto bem o compreendem os que nas suas ofertas dizem, carinhosamente, que ficavam satisfeitos se parte fosse gasta em convívio alegre entre mãe e filhinhos.

Esta Páscoa, querido leitor, foi mais alegre para ti e para mim, mesmo que alguém esquecesse de enviar saudações de Aleluia pela Ressurreição do Senhor.

Padre Duarte

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

para a adquirir, tem-se adaptado e adaptar-se-á a todos os esquemas, colaborando com as iniciativas que visam proporcionar habitação às famílias pobres, ao nível dos seus recursos e necessidades, especialmente com a cooperativa dos antigos gaiatos a nascer dentro das Associações dos mesmos, com as paróquias ou outras instituições eclesiais dispostas a enfrentar a pobreza real da sua área.

Os Padres da Rua não podem — estamos cheinhos de rapazes (crianças, adolescentes e jovens) que exigem a nossa permanente atenção diária e nocturna, sem fins-de-semana nem férias — não podem assumir responsabilidades contenciosas; mas podem e desejam ardentemente colaborar e pedir

colaboração a toda a gente, desde as empresas aos particulares, para esta tarefa que se nos impõe.

A Obra da Rua, pela sua fidelidade evangélica, provou e prova-o continuamente que é capaz de aglutinar à sua volta, meios suficientes para suprir o que falta às famílias degradadas na aquisição de uma casa, contando que o Estado através do Instituto Nacional da Habitação abra o leque das suas intervenções por forma a assegurar juros bonificados aos diversos tipos de construção independentemente dos seus custos calendarados mas em relação com as necessidades de cada família, as suas potencialidades económicas e a ajuda que possa usufruir de outras fontes não estaduais com a Obra da Rua, as Paróquias, a Caritas, as Con-

ferências vicentinas, as Misericórdias, etc.

Passaram-se mais de três décadas e os Padres da Rua sentem uma urgência premente de erguer com a força inicial, eficácia melhorada e moldes adaptados esta inspirada acção da Obra da Rua.

Não será o Ovo de Colombo — assim chamou o Padre Américo ao Património dos Pobres — mas um caminho novo no desconhecido mistério do amor ao irmão.

FESTAS

— Dia 7, às 21,30 h., Salão Paroquial — Cova da Piedade;
— Dia 14, às 21,30 h., Sociedade das Cabanas — CABANAS.

Padre Aclio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média por edição, no mês de Abril: 69465 exemplares